

EMPATIA NA PREVENÇÃO E NO ENFRENTAMENTO DO BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA ANÁLISE DO ESTADO DO CONHECIMENTO

EMPATHY IN THE PREVENTION AND ADDRESSING OF BULLYING IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: A STATE-OF-KNOWLEDGE ANALYSIS

LA EMPATÍA EN LA PREVENCIÓN Y EL ABORDAJE DEL ACOSO ESCOLAR: UN ANÁLISIS DEL ESTADO DEL CONOCIMIENTO

Roberta Moraes Sá Lima¹

Flávia Emília Cavalcante Valença Fernandes²

Cristhiane Maria Bazílio de Omena Messias³

RESUMO: Este estudo analisa a relação entre empatia, prevenção e enfrentamento do *bullying* no contexto escolar, identificando convergências e implicações para a prática educativa. Trata-se de pesquisa qualitativa, bibliográfica, organizada segundo procedimentos de estado do conhecimento e análise de conteúdo. O levantamento contemplou publicações de 2017 a 2026 nas bases Google Acadêmico, SciELO e BVS, utilizando o descritor “empatia e *bullying*”. Após a aplicação dos critérios de seleção, 13 artigos compuseram o corpus analítico. A análise evidenciou quatro categorias: empatia como constructo multidimensional e sua relação com o *bullying*; fatores associados ao fenômeno; empatia como dimensão transversal de prevenção e enfrentamento; e intervenção escolar permanente. Os resultados indicam que a empatia, embora relevante, não constitui atributo individual suficiente para impedir a violência, estando relacionada à compreensão de perspectivas, resposta afetiva, regulação emocional e qualidade das relações. Conclui-se que a contribuição da empatia é mais consistente quando articulada à formação docente, à inclusão, à participação das famílias, à mediação de conflitos e à construção de uma cultura escolar de proteção.

1

Palavras-chave: *Bullying*. Empatia. Violência escolar. Habilidades socioemocionais. Prevenção.

¹Doutoranda e mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI) da Universidade de Pernambuco, *Campus Petrolina*. Professora e Coordenadora Pedagógica da Secretaria de Educação de Juazeiro-BA. Universidade de Pernambuco-UPE, Petrolina, Pernambuco – Brasil.

²Doutora em Inovação Terapêutica (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE). Mestre em Gestão e Economia da Saúde. Professora Associada/Livre-Docente da Universidade de Pernambuco, *Campus Petrolina*. Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI) e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) da UPE. Universidade de Pernambuco-UPE, Petrolina, Pernambuco – Brasil.

³Doutora em Ciências pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI) da Universidade de Pernambuco, *Campus Petrolina*. Universidade de Pernambuco-UPE, Petrolina, Pernambuco – Brasil.

ABSTRACT: This study analyzes the relationship between empathy, prevention, and addressing bullying in the school context, identifying convergences and implications for educational practice. It is a qualitative bibliographic study organized according to state-of-knowledge procedures and content analysis. The survey considered publications from 2017 to 2026 in Google Scholar, SciELO, and the Virtual Health Library, using “empathy and bullying” as the main descriptor. After screening by publication period, document type, full-text availability, language, and thematic relevance, 13 articles composed the analytical corpus. Legislation and institutional documents were used as contextual and normative sources and were not included in the article corpus. The analysis identified four axes: bullying and cyberbullying; individual, emotional, and relational factors; impacts on well-being, academic performance, and inclusion; and prevention and intervention strategies. The findings indicate that empathy is a multidimensional construct related to perspective-taking, affective responsiveness, emotional regulation, and interpersonal relationships, and should not be treated as sufficient on its own to prevent violence. Its preventive potential is greater when articulated with teacher education, inclusion, family participation, conflict mediation, and a protective school culture.

Keywords: Bullying. Empathy. School violence. Social and emotional skills. Prevention.

RESUMEN: Este estudio analiza la relación entre empatía, prevención y afrontamiento del acoso escolar en el contexto educativo, identificando convergencias e implicaciones para la práctica pedagógica. Se trata de una investigación cualitativa y bibliográfica, organizada mediante procedimientos de estado del conocimiento y análisis de contenido. El levantamiento consideró publicaciones de 2017 a 2026 en Google Académico, SciELO y la Biblioteca Virtual en Salud, utilizando como descriptor principal “empatía y bullying”. Después de aplicar criterios de período, tipo de documento, disponibilidad del texto completo, idioma y pertinencia temática, 13 artículos constituyeron el corpus analítico. La legislación y los documentos institucionales fueron utilizados como fuentes contextuales y normativas, sin integrar el corpus. El análisis identificó cuatro ejes: acoso escolar y cyberbullying; factores individuales, emocionales y relacionales; impactos sobre el bienestar, el rendimiento y la inclusión; y estrategias de prevención e intervención. Los resultados indican que la empatía es un constructo multidimensional relacionado con la toma de perspectiva, la respuesta afectiva, la regulación emocional y las relaciones interpersonales. Su potencial preventivo es mayor cuando se articula con la formación docente, la inclusión, la participación familiar, la mediación de conflictos y la construcción de una cultura escolar protectora.

Palabras clave: Acoso escolar. Empatía. Violencia escolar. Habilidades socioemocionales. Prevención.

INTRODUÇÃO

O *bullying* pode ser compreendido como uma modalidade de violência entre pares que se caracteriza pela recorrência das agressões, pela intencionalidade e pela existência de uma desigualdade de poder que limita as possibilidades de reação da vítima (Fante, 2005). No cenário atual, esse fenômeno não permanece restrito aos espaços físicos da escola, uma vez que as

tecnologias digitais possibilitam a continuidade das agressões em outros ambientes e ampliam seu alcance e permanência (Cunha, 2025).

Nessa perspectiva, os estudos de Crochick *et al.* (2024), Marques *et al.* (2022) e Corrêa *et al.* (2022) apontam para a necessidade de compreender o *bullying* como uma questão que envolve, simultaneamente, relações interpessoais, processos educativos e condições sociais mais amplas, o que torna insuficientes respostas baseadas exclusivamente em medidas punitivas.

No contexto brasileiro, a Lei nº 13.185/2015 estabeleceu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, enquanto a Lei nº 14.811/2024 ampliou as medidas de proteção destinadas a crianças e adolescentes diante de situações de violência ocorridas nos estabelecimentos educacionais e também em ambientes virtuais (Brasil, 2024). Esse conjunto normativo reforça a responsabilidade das instituições escolares na criação de condições que favoreçam a proteção dos estudantes e a construção de relações de convivência mais seguras.

Nesse cenário, prevenir o *bullying* exige mais do que identificar episódios de agressão. É necessário reconhecer suas características, diferenciá-lo de conflitos ocasionais, acolher os estudantes envolvidos, interromper as situações de violência e acompanhar seus possíveis desdobramentos (Corrêa *et al.*, 2022). As contribuições de Crochick *et al.* (2024), Marques *et al.* (2022) e Corrêa *et al.* (2022) também evidenciam que fatores emocionais, relacionais, familiares e institucionais se interligam na produção e no enfrentamento desse fenômeno.

É nesse conjunto de relações que a empatia ganha relevância. Em vez de ser compreendida apenas pela ideia simplificada de “colocar-se no lugar do outro”, ela pode ser analisada como um constructo constituído por diferentes dimensões cognitivas e afetivas. Davis (1983) contribuiu para essa compreensão multidimensional, enquanto Decety e Jackson (2004) destacaram a relação entre experiência afetiva, compreensão do estado do outro, flexibilidade mental e regulação emocional. Jolliffe e Farrington (2006), por sua vez, distinguiram componentes afetivos e cognitivos da empatia e identificaram sua relação com disposições favoráveis à ajuda de vítimas de *bullying*.

No contexto escolar, o desenvolvimento dessas dimensões pode favorecer atitudes de ajuda e convivência respeitosa, contribuindo para estratégias de prevenção ao *bullying*. Assim, este artigo analisa a relação entre empatia, prevenção e enfrentamento do *bullying* no contexto escolar, buscando identificar convergências e implicações para a prática educativa.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e bibliográfica e foi estruturada a partir dos procedimentos do estado do conhecimento articulados à análise de conteúdo. A escolha desse percurso metodológico permitiu reunir uma produção delimitada sobre o tema e, a partir dela, identificar recorrências, aproximações e diferenças presentes no campo investigado.

O levantamento foi realizado no *Google Acadêmico*, na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando-se como descritor principal a expressão “empatia e bullying”. Foram considerados artigos publicados entre 2017 e 2026, disponíveis integralmente e redigidos em português, inglês ou espanhol. Foram retirados da seleção os registros que não correspondiam a artigos científicos, aqueles que apresentavam baixa pertinência em relação ao problema de pesquisa e as publicações duplicadas.

A busca inicial resultou em aproximadamente 15.800 registros. Após a aplicação dos filtros referentes ao período e ao tipo de publicação, seguida da leitura dos títulos e da verificação da pertinência temática, chegou-se a um conjunto preliminar de 45 artigos. O *Mendeley* foi empregado para organizar as referências, conferir informações bibliográficas e auxiliar na identificação de duplicidades.

Posteriormente, foram analisados os resumos dos trabalhos potencialmente elegíveis e, em seguida, os textos completos. Esse processo culminou na constituição de um *corpus* formado por 13 artigos. As legislações e os documentos institucionais utilizados no desenvolvimento do estudo foram tratados separadamente, como fontes de caráter normativo e contextual, não compondo o *corpus* analítico.

Os estudos selecionados foram organizados segundo autoria, ano de publicação, país, objetivo, abordagem metodológica e principais resultados. A interpretação do material tomou como referência a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), considerando as etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento dos dados, inferência e interpretação. Para a organização do estado do conhecimento, seguiram-se as etapas apresentadas por Morosini, Nascimento e Nez (2021), envolvendo definição das fontes, escolha dos descritores, organização dos resultados, aplicação dos critérios de seleção, constituição do *corpus*, formação das categorias e interpretação dos achados.

A análise buscou estabelecer relações entre os diferentes estudos, evitando uma apresentação meramente descritiva de cada publicação. Para isso, foram considerados três

aspectos centrais: a dimensão do *bullying* privilegiada por cada pesquisa; o modo como a empatia ou as habilidades socioemocionais foram mobilizadas para explicar o fenômeno ou compor intervenções; e as contribuições produzidas para a prevenção no contexto escolar.

A partir desse exame comparativo, foram definidas quatro categorias analíticas: (1) empatia como constructo multidimensional e sua relação com o *bullying*; (2) fatores associados ao *bullying*; (3) empatia como dimensão transversal da prevenção e do enfrentamento; (4) intervenção escolar permanente.

A adoção do estado do conhecimento possibilitou preservar a diversidade metodológica encontrada nas pesquisas e, simultaneamente, produzir uma interpretação articulada do conjunto. Desse modo, o corpus selecionado não é apresentado como uma representação completa da produção científica sobre o tema, mas como um recorte capaz de revelar tendências, convergências e lacunas.

CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS

Os 13 estudos selecionados revelam, principalmente, dois movimentos: a intensificação recente da produção sobre *bullying* e a variedade de perspectivas utilizadas para investigá-lo. A concentração das publicações no período de 2022 a 2026 demonstra que o tema permanece presente nas discussões científicas contemporâneas, especialmente diante das diferentes formas de manifestação da violência no cotidiano escolar. Embora predominem trabalhos desenvolvidos no Brasil, a presença de pesquisas internacionais amplia as possibilidades de comparação entre contextos educacionais distintos.

No conjunto analisado, a produção brasileira é majoritária. Devleeschouwer *et al.* (2025) representam a investigação realizada na Bélgica, enquanto Gaffney, Ttofi e Farrington (2021) apresentam uma revisão internacional que reúne evidências de diferentes países. A presença dessas produções amplia o alcance interpretativo da análise, considerando que o *bullying*, embora assuma características próprias em cada realidade, constitui um fenômeno presente em diferentes sistemas educacionais e contextos socioculturais.

A diversidade temática também é expressiva. Castro e Zuin (2019) direcionam sua atenção ao *cyberbullying* e às agressões mediadas pelas tecnologias digitais; Crochick *et al.* (2024) investigam as percepções de professores sobre o fenômeno; Lima *et al.* (2025) articulam *bullying*, automutilação e desregulação emocional; e Marques *et al.* (2022) focalizam fatores relacionados

ao perfil dos agressores. Em conjunto, esses estudos mostram que a compreensão do *bullying* requer uma abordagem que ultrapasse a observação do comportamento agressivo isoladamente.

Outro conjunto de pesquisas concentra-se na empatia e nas habilidades socioemocionais. Corrêa *et al.* (2022) analisam relações entre empatia, regulação parental e violência entre adolescentes, enquanto Souza *et al.* (2025) discutem a empatia em situações envolvendo estudantes com TEA e TDAH. Vieira, Simão e Roque (2025), por sua vez, investigam experiências de intervenção voltadas ao desenvolvimento da empatia entre estudantes do Ensino Fundamental.

A pesquisa de Devleeschouwer *et al.* (2025) acrescenta uma contribuição metodológica importante ao acompanhar longitudinalmente a relação entre empatia cognitiva, empatia afetiva e comportamentos de *bullying*. Ao utilizar diferentes momentos de avaliação e considerar meninos e meninas separadamente, o estudo permite ultrapassar a análise de associações observadas em um único momento e explorar a dinâmica dessas relações ao longo do tempo.

Os estudos também mostram que os efeitos do *bullying* não se restringem à relação imediata entre quem agride e quem é vitimizado. Lima *et al.* (2025) relacionam o fenômeno à desregulação emocional e à automutilação, enquanto Silva, Lima e Santos (2024) abordam repercussões no bem-estar e no desempenho acadêmico. Os resultados, portanto, reforçam a necessidade de ações escolares que combinem proteção, acompanhamento pedagógico e atenção às dimensões emocionais dos estudantes.

As pesquisas de Pires, Tessaro e Pedron (2022), Chagas (2026) e Barbosa (2026) apresentam propostas preventivas e interventivas distintas, mas compartilham a valorização de ações planejadas e do desenvolvimento de habilidades como empatia, comunicação, assertividade, autocontrole e regulação emocional. A revisão de Gaffney, Ttofi e Farrington (2021) amplia essa discussão ao reunir 100 estudos sobre programas escolares de prevenção ao *bullying*. Os resultados apontam redução tanto da prática de *bullying* quanto da vitimização, embora os efeitos sejam modestos e apresentem variações relacionadas aos métodos, aos componentes dos programas e aos contextos em que são implementados.

A evidência reunida por Gaffney, Ttofi e Farrington (2021) fornece um referencial mais amplo para interpretar as experiências brasileiras de prevenção analisadas neste estudo. Enquanto Pires *et al.* (2022), Vieira *et al.* (2025), Chagas (2026) e Barbosa (2026) apresentam propostas de intervenção e desenvolvimento socioemocional em contextos específicos, a revisão internacional indica que programas escolares estruturados podem produzir efeitos positivos,

ainda que limitados e heterogêneos. As contribuições, portanto, se complementam ao aproximar experiências locais de evidências mais abrangentes sobre a efetividade das ações preventivas.

Quadro 1 – Caracterização dos estudos selecionados

Autor/Ano/País	Título	Objetivo	Método
BARBOSA, Elenita Almeida (2026). Brasil	Intervenção psicológica focada no aprimoramento de habilidades sociais e emocionais de estudantes de 11 a 16 anos.	Analisar, com base em literatura especializada, como programas estruturados podem fortalecer competências como empatia, comunicação, assertividade, autocontrole e regulação emocional, contribuindo para melhor convivência e maior engajamento escolar.	Pesquisa bibliográfica, com análise de produções científicas e documentos técnicos que abordam adolescência, desenvolvimento socioemocional e práticas de intervenção no contexto educacional.
CASTRO, Camila Sandim de; ZUIN, Antônio Álvaro Soares (2019). Brasil	Agressões online e cultura digital: considerações sobre o cyberbullying como objeto de pesquisa.	Compreender de que modo o tema <i>cyberbullying</i> é investigado nas produções acadêmicas brasileiras realizadas nos Programas de Pós-Graduação em Educação.	Pesquisa qualitativa a partir do levantamento de teses e dissertações do período de 2010 a 2016, no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.
CHAGAS, Verônica de Fátima Leorne (2026). Brasil	Violência na escola e <i>bullying</i> : caminhos para prevenção e redução de conflitos.	Analisar, por meio de revisão bibliográfica, estratégias de prevenção e redução de conflitos relacionadas ao <i>bullying</i> no contexto escolar.	Abordagem qualitativa bibliográfica, fundamentada em livros, artigos científicos, dissertações e teses disponíveis em bases acadêmicas nacionais e internacionais, com caráter exploratório e descritivo.
CORRÊA, Rafael; REBESSI, Isabela; GASPAR, Susana; NEUFELD, Carmem; MATOS, Margarida Gaspar de; ALMEIDA, Ana (2022). Brasil	Empatia, regulação parental e violência em adolescentes.	Analisar a associação entre empatia, regulação parental e violência em adolescentes.	Estudo transversal com 722 adolescentes de Foz do Iguaçu, utilizando questionário, estatística descritiva, teste do qui-quadrado e regressão logística binomial.
CROCHICK, José Leon; RUFO, Dora Serrer; REGINALDO, Fabiane; ROQUETTO, Claudia; PASCHOALETO, Murilo Antonio; SOUZA, Vagner Pereira de (2024). Brasil	<i>Bullying</i> nas escolas: percepções de professores.	Analisar percepções e experiências de professores de escolas públicas paulistanas do Ensino Fundamental II sobre <i>bullying</i> .	Pesquisa qualitativa com nove professores(as) do Ensino Fundamental II, por meio de entrevistas semiestruturadas.
DEVLEESCHOUWER, C.; GALAND, B.; TOLMATCHEFF, C.	Relações longitudinais entre empatia e <i>bullying</i>	Fornecer mais informações sobre a direção da associação entre	Pesquisa quantitativa, longitudinal e correlacional, com análise das relações

SALMIVALLI, C. (2025). Bélgica	entre meninos e meninas: um estudo utilizando modelo de painel de defasagem cruzada com intercepto aleatório.	empatia cognitiva e afetiva e comportamentos de <i>bullying</i> em três momentos distintos (cada um separado por 5 meses), separadamente para meninos e meninas.	entre empatia e <i>bullying</i> ao longo do tempo. O modelo estatístico utilizado foi o <i>Random Intercept Cross-Lagged Panel Model</i> (RI-CLPM).
GAFFNEY, Hannah; TTOFI, Maria M.; FARRINGTON, David P (2021). País de origem dos pesquisadores: Reino Unido. Revisão internacional, envolvendo estudos realizados em diferentes países.	Eficácia de programas escolares para reduzir a prática e a vitimização do <i>bullying</i> : uma revisão sistemática e meta-análise atualizada.	Determinar se os programas antibullying existentes nas escolas são eficazes na redução de comportamentos de <i>bullying</i> escolar.	Revisão sistemática realizada em diversas bases de dados online, incluindo <i>Web of Science</i> , <i>PsycINFO</i> , <i>EMBASE</i> , <i>DARE</i> , <i>ERIC</i> , <i>Google Scholar</i> e <i>Scopus</i> . Também foram consultadas bases de dados de relatórios não publicados, como dissertações de mestrado e teses de doutorado.
LIMA, Aline Miranda Tavares de; OLIVEIRA, Katya Luciane de; ALMEIDA, Leandro da Silva; INÁCIO, Amanda Lays Monteiro; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; BORUCHOVITCH, Evelyn; SOARES, Marcos Hirata (2025). Brasil	<i>Bullying</i> , automutilação e desregulação emocional entre alunos da rede pública.	Descrever a ocorrência de <i>bullying</i> , automutilação e desregulação emocional, analisar diferenças entre anos escolares e identificar relações entre os construtos.	Estudo quantitativo, transversal, com 376 adolescentes do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental II e da 1ª e 2ª série do Ensino Médio. Foram utilizadas Escala de <i>Bullying</i> Escolar, Escala de Desregulação Emocional Infantojuvenil e Questionário de <i>Bullying</i> e Automutilação.
MARQUES, Natália Rosa; REIS, Laryssa Tinoco; REIS, Ana Luiza Medeiros Mota dos; MARQUES, Ana Karynne; PACHECO, Maria de Jesus Torres. (2022). Brasil	Fatores determinantes e perfil epidemiológico dos agressores no <i>bullying</i> escolar: uma revisão integrativa.	Avaliar fatores predisponentes à prática do <i>bullying</i> escolar.	Revisão integrativa em BVS, <i>PubMed/Medline</i> , <i>SciELO</i> , <i>Google Scholar</i> e Portal CAPES.
PIRES, Jéssica; TESSARO, Mônica; PEDRON, Mariluce (2022). Brasil	Estratégias de prevenção do <i>bullying</i> escolar: relato de intervenção com crianças do Ensino Fundamental I.	Apresentar estratégias pedagógicas que podem auxiliar na diminuição do <i>bullying</i> com estudantes do Ensino Fundamental I.	Relato de experiência com características de pesquisa participante, desenvolvido no ambiente escolar.
SILVA, Ageu Moura da; LIMA, Welliton Evangelista; SANTOS, Gleysla Meryelly Pereira dos (2024). Brasil	O impacto do <i>bullying</i> no desempenho e bem-estar dos alunos.	Investigar o impacto do <i>bullying</i> no desempenho acadêmico e no bem-estar dos alunos.	Pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica e netnográfica, de caráter descritivo e sistemático.
SOUZA, Viviane Cristina de; LIMA, Ariane Nogueira de; OLIVEIRA, Elimeire Alves de; ROBERTO,	Inclusão e empatia na escola: os desafios enfrentados por crianças com	Analisar os desafios enfrentados por crianças com TEA e TDAH diante do <i>bullying</i> , propondo a empatia como ferramenta	Pesquisa bibliográfica qualitativa, com levantamento em bases científicas e análise de obras de referência.

Tiago Moreno Lopes; SILVA, Suéllen Danúbia da; MENDES, Ijosiel. (2025). Brasil	autismo e TDAH diante do <i>bullying</i> .	pedagógica e estratégia de intervenção.	
VIEIRA, Camila Mugnai; SIMÃO, Alexandre; ROQUE, Ana Beatriz Jardim. (2025). Brasil	Desenvolvimento de empatia como prevenção e enfrentamento ao <i>bullying</i> : vivências entre estudantes do Ensino Fundamental.	Elaborar, realizar e avaliar intervenções educativas por meio de oficinas para desenvolvimento de habilidades socioemocionais, especialmente a empatia, com estudantes dos anos finais.	Pesquisa qualitativa com 89 estudantes, em quatro encontros de oficinas, seguida de narrativas reflexivas analisadas por análise de conteúdo.

Fonte: Elaboração própria, 2026, a partir dos estudos selecionados.

Os estudos analisados reforçam uma compreensão do *bullying* como fenômeno que se manifesta em diferentes dimensões. Castro e Zuin (2019) mostram que a cultura digital altera a forma como a violência circula e amplia os espaços em que as agressões podem ocorrer. Crochick *et al.* (2024), por sua vez, evidenciam que limitações na identificação do fenômeno por parte dos professores podem dificultar seu reconhecimento e encaminhamento. Esses resultados sugerem que a prevenção começa pela capacidade institucional de nomear adequadamente o problema e distingui-lo de conflitos isolados.

Quando se considera a dimensão individual e relacional, Marques *et al.* (2022) e Corrêa *et al.* (2022) apontam relações do *bullying* com desengajamento moral, hostilidade, características das relações familiares e dificuldades relacionadas à empatia. Esses fatores, contudo, não devem ser interpretados como explicações deterministas. A presença de uma dessas características não define, por si só, quem será agressor ou vítima; sua relevância está em evidenciar que a violência é construída nas interações e nos contextos em que os estudantes estão inseridos.

As consequências do *bullying* também alcançam outras dimensões da experiência escolar. Lima *et al.* (2025) relacionam o fenômeno à desregulação emocional e à automutilação, enquanto Silva, Lima e Santos (2024) discutem seus possíveis efeitos sobre o bem-estar e o desempenho acadêmico. Esses achados reforçam a importância de respostas escolares que associem proteção, acompanhamento pedagógico e atenção às necessidades emocionais, evitando que situações de sofrimento sejam tratadas somente como questões disciplinares.

A leitura integrada desses resultados permite compreender que o *bullying* produz efeitos que ultrapassam o episódio de agressão propriamente dito. Ao afetar vínculos entre pares, percepção de segurança e participação na vida escolar, o fenômeno pode comprometer diferentes

dimensões da experiência educativa. Por essa razão, estratégias fundamentadas na empatia precisam contemplar tanto o desenvolvimento das competências dos estudantes quanto as condições concretas de convivência oferecidas pela instituição.

EMPATIA COMO CONSTRUCTO MULTIDIMENSIONAL E SUA RELAÇÃO COM O BULLYING

As contribuições teóricas clássicas ajudam a compreender a empatia como uma construção composta por diferentes dimensões. Davis (1983) distinguiu aspectos relacionados à tomada de perspectiva, à preocupação empática e às respostas de sofrimento pessoal, permitindo separar a compreensão da experiência alheia das reações emocionais produzidas por ela. Decety e Jackson (2004) ampliaram essa discussão ao destacar a articulação entre processos afetivos e cognitivos, consciência de si, flexibilidade mental e regulação emocional.

No estudo do desenvolvimento na adolescência, Jolliffe e Farrington (2006) propuseram a *Basic Empathy Scale*, diferenciando os componentes afetivo e cognitivo da empatia e observando sua relação com a disposição para auxiliar vítimas de *bullying*. Essa contribuição é importante para a análise porque evidencia que a empatia pode favorecer comportamentos de proteção e ajuda, mas não se resume a uma reação emocional diante do sofrimento de outra pessoa.

10

A diferenciação entre os componentes cognitivo e afetivo também encontra correspondência no estudo de Devleeschouwer *et al.* (2025), que investigou essas dimensões em associação com comportamentos de *bullying* ao longo do tempo. Os resultados reunidos no *corpus* não permitem sustentar uma relação causal simples segundo a qual níveis mais elevados de empatia eliminariam o *bullying*. Eles sugerem, antes, que diferentes componentes empáticos podem participar de processos de reconhecimento do outro, regulação emocional, proteção da vítima e construção de vínculos menos violentos, dependendo das condições relacionais e institucionais.

Na produção brasileira analisada, quatro movimentos se destacam: a transformação das formas de manifestação do fenômeno, especialmente com o *cyberbullying*; a investigação de fatores emocionais, familiares e relacionais; a atenção às repercussões sobre bem-estar, desempenho e inclusão; e a proposição de experiências de intervenção. Nesse conjunto, permanece como lacuna a reduzida presença de estudos longitudinais que permitam verificar se

alterações na empatia são seguidas por mudanças posteriores nos comportamentos relacionados ao *bullying*.

A pesquisa internacional ajuda a dimensionar essa lacuna. Devleeschouwer *et al.* (2025) empregaram o modelo RI-CLPM em três momentos de avaliação, superando a análise restrita a correlações observadas transversalmente. Já Gaffney, Ttofi e Farrington (2021), em uma meta-análise que reuniu 100 estudos, identificaram que programas escolares podem reduzir *bullying* e vitimização, ainda que com efeitos modestos e heterogêneos. Assim, o conjunto das evidências aponta para a necessidade de intervenções estruturadas e de novas investigações que esclareçam quais componentes são mais efetivos, para quais estudantes e em quais contextos.

A leitura conjunta do *corpus* permite propor uma interpretação central: a empatia apresenta potencial como mecanismo de proteção, mas sua efetividade está condicionada à forma como é incorporada às práticas, aos vínculos e à organização escolar. A prevenção, portanto, não deve ser pensada como desenvolvimento de uma competência isolada, mas como construção compartilhada, envolvendo estudantes, professores e famílias no enfrentamento da violência.

FATORES ASSOCIADOS AO BULLYING

11

Os estudos reunidos convergem para uma compreensão multifatorial do *bullying*. Castro e Zuin (2019) acrescentam a dimensão da cultura digital ao mostrar que o *cyberbullying* possui dinâmicas próprias de circulação, ampliando a relação entre a violência e os espaços de convivência dos estudantes. Essa perspectiva exige que a escola seja compreendida como parte de uma rede mais ampla de relações que se prolonga para além de seus limites físicos.

As dificuldades de reconhecimento do fenômeno também constituem um problema pedagógico e institucional. Crochick *et al.* (2024) identificaram limitações conceituais entre parte dos professores entrevistados, inclusive a presença de compreensões estereotipadas sobre autores e vítimas. O achado não atribui à formação docente a explicação exclusiva das dificuldades de enfrentamento, mas reforça a importância de diferenciar *bullying*, conflito eventual e brincadeira, considerando que essas situações não demandam as mesmas formas de intervenção.

A empatia, por sua vez, não representa um comportamento uniforme. Dependendo do modelo teórico adotado, envolve processos de compreensão da perspectiva do outro, resposta afetiva, preocupação com o sofrimento alheio e regulação das próprias reações. Essa diversidade

ajuda a explicar por que propostas pedagógicas centradas apenas na ideia de “sentir o que o outro sente” podem apresentar alcance limitado quando não são articuladas a experiências concretas de convivência e tomada de decisão.

Corrêa *et al.* (2022) e Marques *et al.* (2022) relacionam dificuldades de empatia e outros fatores a experiências de violência e a comportamentos agressivos. Devleeschouwer *et al.* (2025), ao acompanhar as relações entre empatia cognitiva, empatia afetiva e *bullying* ao longo do tempo, acrescentam uma dimensão temporal à análise. A principal implicação desses resultados é afastar uma interpretação simplificada: a empatia não atua de forma independente, mas em interação com relações familiares, normas de grupo, clima escolar, formas de reconhecimento da violência e possibilidades de participação dos estudantes.

As pesquisas de Vieira, Simão e Roque (2025), Souza *et al.* (2025), Barbosa (2026) e Pires, Tessaro e Pedron (2022) mostram diferentes maneiras de inserir habilidades socioemocionais em ações educativas planejadas. Apesar das especificidades de cada experiência, os estudos convergem na valorização da intencionalidade pedagógica. Entretanto, não oferecem base suficiente, quando considerados isoladamente, para concluir que qualquer atividade centrada na empatia será capaz de diminuir a incidência do *bullying*.

Nessa perspectiva, a função da escola não se resume a “produzir alunos empáticos” como resposta individual a uma questão coletiva. Seu papel consiste em criar condições para que capacidades empáticas se expressem em ações concretas, como perceber situações de sofrimento, interromper humilhações, apoiar colegas, buscar ajuda adulta e contestar normas grupais que legitimem a violência. A empatia passa, assim, a funcionar como elo entre desenvolvimento socioemocional e cultura de convivência.

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) valoriza empatia, diálogo, cooperação e resolução de conflitos como elementos do desenvolvimento dos estudantes. Contudo, a existência dessas orientações no currículo prescrito não garante sua realização no cotidiano escolar. Sua efetivação depende de condições como formação dos professores, planejamento pedagógico, continuidade das ações e acompanhamento dos resultados.

A EMPATIA COMO DIMENSÃO TRANSVERSAL DE PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO

Os resultados do *corpus* permitem considerar a empatia como uma dimensão que atravessa diferentes estratégias de prevenção e enfrentamento do *bullying*. Corrêa *et al.* (2022),

ao relacionarem empatia, regulação parental, violência e experiências de *bullying*, demonstram que as dificuldades nesse campo precisam ser interpretadas à luz das relações estabelecidas pelos adolescentes. Marques *et al.* (2022) também identificam a redução da empatia entre fatores associados a comportamentos agressivos.

Esses achados indicam que a empatia apresenta potencial preventivo, mas sua contribuição não ocorre de maneira isolada. Seu desenvolvimento está relacionado às experiências familiares, sociais e escolares nas quais os estudantes constroem suas formas de perceber, interpretar e responder às situações de convivência.

Devleeschouwer *et al.* (2025) aprofundam essa discussão ao investigarem, longitudinalmente, a relação entre empatia cognitiva e afetiva e comportamentos de *bullying* em meninos e meninas. O acompanhamento realizado em três momentos, com intervalos de cinco meses, favorece uma compreensão mais dinâmica da relação entre essas variáveis e reforça a importância de considerar tanto características individuais quanto processos relacionais.

Ao empregar o modelo *Random Intercept Cross-Lagged Panel Model (RI-CLPM)*, os autores puderam examinar as relações entre empatia e *bullying* para além de uma fotografia pontual. Essa abordagem permitiu investigar associações ao longo do tempo e contribuiu para demonstrar a importância da dimensão temporal e das diferenças entre meninos e meninas na compreensão desse fenômeno.

INTERVENÇÃO ESCOLAR PERMANENTE

Os resultados do estudo apontam para a necessidade de superar uma concepção de prevenção baseada exclusivamente em campanhas ou ações pontuais. Iniciativas desse tipo podem favorecer a sensibilização da comunidade escolar, mas mudanças mais duradouras dependem de continuidade, acompanhamento e integração das ações à rotina da instituição. Chagas (2026), Pires, Tessaro e Pedron (2022), Vieira, Simão e Roque (2025) e Barbosa (2026), embora adotem estratégias distintas, convergem na valorização de intervenções planejadas e contínuas.

A revisão de Gaffney, Ttofi e Farrington (2021), baseada em 100 estudos, mostra que programas escolares estruturados podem contribuir para reduzir a prática do *bullying* e a vitimização, ainda que seus efeitos sejam modestos e variem conforme o programa, a metodologia e o contexto. Portanto, os resultados não sustentam a ideia de que qualquer

intervenção será eficaz, mas indicam que ações organizadas e avaliadas podem produzir mudanças mensuráveis.

Nesse sentido, a empatia precisa ser inserida em um sistema mais amplo de prevenção. Esse sistema deve articular formação dos profissionais, procedimentos para identificação e encaminhamento dos casos, participação dos estudantes, comunicação com as famílias, práticas inclusivas, espaços seguros de escuta e monitoramento. A empatia pode contribuir como competência socioemocional e como princípio orientador das relações, mas não substitui os demais componentes da política de prevenção.

A formação dos professores ocupa posição estratégica, considerando que esses profissionais frequentemente são os primeiros adultos a perceber mudanças nas relações entre os estudantes. As dificuldades identificadas por Crochick *et al.* (2024) reforçam a importância de ampliar a preparação docente para diferenciar *bullying*, conflito e brincadeira, além de reconhecer situações de exclusão e manifestações ocorridas em ambientes digitais.

A participação das famílias, por sua vez, deve ser compreendida como corresponsabilidade na proteção dos estudantes, e não como mecanismo de transferência de culpa. As relações entre regulação parental, empatia e violência apontadas por Corrêa *et al.* (2022), somadas aos resultados das pesquisas interventivas, reforçam a importância da articulação entre os diferentes espaços educativos. Cabe à escola construir formas de comunicação e acompanhamento capazes de acolher os envolvidos sem produzir novas situações de exposição.

Dessa maneira, o enfrentamento do *bullying* precisa ser analisado também a partir da efetividade das ações implementadas. A contribuição de Gaffney, Ttofi e Farrington (2021) é relevante justamente por demonstrar que a discussão não deve permanecer restrita à identificação dos fatores associados ao fenômeno, mas incorporar a avaliação das intervenções desenvolvidas pelas escolas.

Programas de prevenção ao *bullying* estruturados, oferecem respaldo à defesa de intervenções planejadas, contínuas e acompanhadas, articuladas ao desenvolvimento de competências socioemocionais, à formação dos profissionais e à construção de uma cultura escolar de prevenção. Essa perspectiva permite compreender o *bullying* como fenômeno multidimensional, sustentado pela interação entre fatores individuais, familiares, grupais, pedagógicos, culturais e institucionais.

A principal contribuição deste estudo consiste em posicionar a empatia no interior de uma perspectiva institucional de prevenção. A literatura analisada sugere maior coerência quando o desenvolvimento socioemocional se articula à formação docente, à inclusão, à participação das famílias, à mediação de conflitos, à escuta protegida e ao acompanhamento das situações de violência.

Nessa perspectiva, a empatia pode assumir função estratégica tanto na prevenção quanto no enfrentamento do *bullying*, desde que seja tratada como competência multidimensional e incorporada ao cotidiano escolar. O desafio não está apenas em favorecer a compreensão do sofrimento alheio, mas em transformar essa compreensão em práticas de cuidado, proteção, cooperação e participação. A efetividade da prevenção depende, portanto, da articulação entre desenvolvimento socioemocional e transformação das condições de convivência escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada permite compreender o *bullying* como um fenômeno que resulta da interação entre fatores individuais, familiares, relacionais, culturais e institucionais. Embora os estudos selecionados apresentem diferentes perspectivas metodológicas, eles convergem ao evidenciar repercussões sobre as relações entre pares, a experiência escolar e as dimensões emocionais dos estudantes. Também se destaca a dificuldade de reconhecimento do fenômeno por parte de alguns profissionais como um dos obstáculos para sua prevenção e seu enfrentamento.

No que diz respeito à empatia, os estudos analisados indicam que ela ocupa lugar relevante nas estratégias preventivas, principalmente quando articulada à regulação emocional, à cooperação, à inclusão e à capacidade de compreender diferentes perspectivas. Sua contribuição torna-se mais consistente quando é incorporada a práticas pedagógicas intencionais e a uma cultura escolar que favoreça respeito, participação e resolução de conflitos.

As experiências de oficinas, situações-problema e intervenções estruturadas analisadas no *corpus* também sugerem que o desenvolvimento socioemocional se beneficia de ações contextualizadas, sistemáticas e acompanhadas. Paralelamente, a formação docente aparece como condição necessária para qualificar a identificação do *bullying* e sua diferenciação em relação a outras formas de conflito ou violência. A articulação com as famílias, a valorização da diversidade e a construção de práticas inclusivas complementam esse conjunto de ações.

Em síntese, os resultados apontam para a necessidade de uma abordagem integrada, na qual prevenção, formação, escuta, mediação, registro e acompanhamento estejam articulados. Campanhas isoladas podem contribuir para sensibilizar a comunidade escolar, mas não substituem ações permanentes incorporadas ao currículo, ao Projeto Político Pedagógico e às práticas cotidianas da instituição. Nessa perspectiva, o desenvolvimento da empatia deve ser entendido como parte de uma estratégia institucional mais ampla, voltada não somente à mudança de comportamentos individuais, mas também à transformação das formas de convivência e das práticas pedagógicas que sustentam a cultura escolar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, E. A. Intervenção psicológica focada no aprimoramento de habilidades sociais e emocionais de estudantes de 11 a 16 anos. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 12, n. 2, fev. 2026. ISSN: 2675-3375.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. 2026.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, n. 214, p. 1-2, 9 nov. 2015. 2026.

BRASIL. Lei nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024. Institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares, prevê a Política Nacional de Prevenção e Combate ao Abuso e Exploração Sexual da Criança e do Adolescente e altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), e as Leis nº 8.072, de 25 de julho de 1990 (Lei dos Crimes Hediondos), e 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 15 jan. 2024. 2026.

CASTRO, C. S. de; ZUIN, A. Á. S. Agressões online e cultura digital: considerações sobre o cyberbullying como objeto de pesquisa. *Educação: Teoria e Prática*, [S. l.], v. 29, n. 60, p. 180-196, 2019. DOI: 10.18675/1981-8106.vol29.n60.p180-196. 2026.

CHAGAS, V. de F. L. Violência na escola e bullying: caminhos para prevenção e redução de conflitos. *DuxEducare-Revista de Educação, Ciências e Saúde*, v. 1, fev. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.18660284.

CORRÊA, R.; REBESSI, I.; GASPAR, S.; NEUFELD, C.; MATOS, M. G. de; ALMEIDA, A. Empatia, regulação parental e violência em adolescentes. *Revista Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 23, n. 3, p. 775-786, 2022. 2026

CROCHICK, J. L.; RUFO, D. S.; REGINALDO, F.; ROQUETTO, C.; PASCHOALETO, M. A.; SOUZA, V. P. de. Bullying nas escolas: percepções de professores. *Educação: Teoria e Prática*, [S. l.], v. 34, n. 67, p. e63[2024], 2024. DOI: 10.18675/1981-8106.v34.n.67.s17613. 2026.

CUNHA, N. P. da. Violência nas escolas: o sintoma de uma infância em crise. *Revista Tópicos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 25, p. 1-24, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17137690>. 2026.

DAVIS, M. H. Measuring individual differences in empathy: evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 44, n. 1, p. 113-126, 1983. DOI: 10.1037/0022-3514.44.1.113.

DECETY, J.; JACKSON, P. L. The functional architecture of human empathy. *Behavioral and Cognitive Neuroscience Reviews*, v. 3, n. 2, p. 71-100, 2004. DOI: 10.1177/1534582304267187.

DEVLEESCHOUWER, C.; GALAND, B.; TOLMATCHEFF, C.; SALMIVALLI, C. Longitudinal relationships between empathy and bullying among boys and girls: a random intercept cross-lagged panel model study. *Aggressive Behavior*, v. 51, e70026, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1002/ab.70026>

FANTE, C. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

GAFFNEY, H.; TTOFI, M. M.; FARRINGTON, D. P. Effectiveness of school-based programs to reduce bullying perpetration and victimization: an updated systematic review and meta-analysis. *Campbell Systematic Reviews*, v. 17, n. 2, e1143, 2021. DOI: 10.1002/cl2.1143.

JOLLIFFE, D.; FARRINGTON, D. P. Development and validation of the Basic Empathy Scale. *Journal of Adolescence*, v. 29, n. 4, p. 589-611, 2006. DOI: 10.1016/j.adolescence.2005.08.010.

LIMA, A. M. T. de; OLIVEIRA, K. L. de; ALMEIDA, L. da S.; INÁCIO, A. L. M.; SANTOS, A. A. A. dos; BORUCHOVITCH, E.; SOARES, M. H. Bullying, automutilação e desregulação emocional entre alunos da rede pública. *Educação: Teoria e Prática*, [S. l.], v. 36, n. 71, 2025. DOI: 10.18675/1981-8106.v.36.n.71.s19130. 2026.

MARQUES, N. R.; REIS, L. T.; REIS, A. L. M. M. dos; MARQUES, A. K.; PACHECO, M. de J. T. Fatores determinantes e perfil epidemiológico dos agressores no bullying escolar: uma revisão integrativa. *Pedagogia em Ação*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 94-113, 1º sem. 2022. 2026.

MOROSINI, M.; NASCIMENTO, L. M.; NEZ, E. Estado de conhecimento: a metodologia na prática. *Humanidades & Inovação*, v. 8, n. 55, p. 69-81, 2021. 2026.

PIRES, J.; TESSARO, M.; PEDRON, M. Estratégias de prevenção do bullying escolar: relato de intervenção com crianças do Ensino Fundamental I. *Educação: Teoria e Prática*, [S. l.], v. 32, n. 65, 2022. DOI: 10.18675/1981-8106.v32.n.65.s15690. 2026.

SILVA, A. M. da; LIMA, W. E.; SANTOS, G. M. P. dos. O impacto do bullying no desempenho e bem-estar dos alunos. *Facit Business and Technology Journal*, v. 5, n. 2, p. 45-58, 2024. 2026.

SOUZA, V. C. de; LIMA, A. N. de; OLIVEIRA, E. A. de; ROBERTO, T. M. L.; SILVA, S. D. da; MENDES, I. Inclusão e empatia na escola: os desafios enfrentados por crianças com autismo e TDAH diante do bullying. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. 11, n. 12, p. 5190–5200, 2025. DOI: 10.51891/rease.viii12.23245. 2026.

VIEIRA, C. M.; SIMÃO, A.; ROQUE, A. B. J. Desenvolvimento de empatia como prevenção e enfrentamento ao bullying: vivências entre estudantes do Ensino Fundamental. *Revista Momento - Diálogos em Educação*, v. 34, n. 3, p. 594-616, set./dez. 2025. 2026.